

Esclarecendo René Pélissier

Manuel Bernardo

p. 185

(...) O autor do livro é um coronel reformado, ex-oficial dos comandos, (...). O seu texto contém capítulos monográficos disjuntos e depoimentos de outros oficiais, como el, favoráveis às teses imperiais. (...)

René Pélissier in “Africana Studia”/2019

Lembro que o regime de Salazar, antecipou a expansão do comunismo em África, e um futuro conflito subversivo nos territórios africanos. Assim, com base na instrução de contraguerrilha dada por militares, que foram “aprender” à guerra da Argélia, foi montado em 1960, em Lamego, o Centro de Instrução de Operações Especiais. Fui “apanhado” por este esquema e integrado numa Companhia de Caçadores Especiais, para o Ultramar.

Esclareço que não fui oficial dos “Comandos”, pois não me voluntariei para tal (era assim que funcionavam). Fiz a guerra até 1974, em quatro comissões por imposição/escala, de dois anos cada (Moçambique e Angola). Apenas, no pós-25 de Abril, tive ocasião de contactar com “Comandos”, como Jaime Neves e oficiais do Batalhão de Comandos. Depois, durante as atribuições/atrocidades do PREC, fiquei na Amadora até ao contragolpe do 25 de Novembro de 1975, e colaborei no PC, lá montado e liderado por Ramalho Eanes.

Recordo que o início da Guerra, em 1961, resultou dos macabros massacres efectuados pela UPA (depois FNLA) de Holden Roberto, com apoio financeiro dos EUA (e não da URSS, como se podia esperar) por todo o Norte de Angola, desde 15 de Março. Foram mortas cerca de 1200 brancos e 6000 negros. Daí o “Para Angola e em Força” de Salazar...

Não sou “favorável às teses imperiais”. “Apenas” tivemos que cumprir como militares e, quando estávamos desgastados e vimos não haver intenção de negociar com os “movimentos de libertação”, passámos, a partir de 1973, a conspirar contra o governo, para derrubá-lo.

Em Setembro já eu subscrevia abaixo-assinados em Moçambique, no Movimento dos Capitães e, no livro “Alvorada em Abril”/1977, de Otelo, se vê o apoio que lhe dei, no frustrado golpe de 16 de Março de 1974.

Jaime Neves e Rafael Durão, também facilitaram a queda do governo. O primeiro sendo um dos principais operacionais na baixa lisboeta no 25 de Abril e o segundo, com outros, conseguindo a neutralidade inicial dos pára-quedistas. Favoráveis às teses imperiais? Não! Também nem o Bispo de Vila Cabral ou o Alferes mil.^º Luís Rosa.

O responsável pela descolonização descontrolada foi Marcello Caetano, que não quis aceitar a via negocial, incluindo a de 1972, através de Senghor e Spínola, única maneira de terminar aquele tipo de guerras subversivas e não “acções de polícia”, como ele as designava.

PS: Vide livros publicados in wikipedia (Manuel Amaro Bernardo).